

O Brasil quer atrair datacenters, mas deveria investir em IA

Especialistas dizem que a solução não é incentivo fiscal, a corrida é por inteligência

Por Veruska Costa Donato | 25 fev 2026, 16h47 • Atualizado em 25 fev 2026, 17h13

A discussão sobre o Redata, programa voltado ao incentivo de datacenters no Brasil, revelou algo maior do que a própria proposta: qual é o papel que o país quer ocupar na economia digital. Se, de um lado, há consenso sobre a importância de atrair infraestrutura de dados, de outro cresce a avaliação de que o debate precisa ir além da pressa e dos incentivos tributários. Danilo Iglori, economista-chefe da Nomad, defende que a política faz sentido dentro do contexto da transformação tecnológica global. A inteligência artificial, lembra ele, é intensiva em capacidade computacional e demanda centros robustos de processamento. “O Brasil não pode perder o bonde da inteligência artificial”, afirma.

Incentivo fiscal não é tudo

Para Iglori, estimular datacenters é coerente com essa agenda, mas ele faz uma ponderação importante: políticas públicas dessa magnitude precisam estar amparadas em estudos de impacto bem estruturados, que considerem efeitos fiscais, concorrenciais e de longo prazo. O economista também levanta uma dúvida central: o incentivo fiscal é o instrumento mais eficiente dentro da já complexa equação tributária brasileira? Em um país que discute simplificação de impostos e responsabilidade fiscal, qualquer renúncia precisa ser bem calibrada. Para Iglori, o debate não deve ser ideológico, mas técnico — algo que exige números, cenários e comparações internacionais.

Hardware, software e soluções

Já **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**, amplia o horizonte da conversa. Ele reconhece que o Brasil tem uma vantagem competitiva relevante: a matriz de energia majoritariamente limpa, um ativo valioso para empresas globais preocupadas com sustentabilidade. Isso, por si só, já coloca o país no radar de investidores do setor. Mas Agostini faz uma crítica direta ao foco quase exclusivo em isenções fiscais. Para ele, atrair apenas a “casca” da operação — o

prédio e os servidores — é pouco. O país deveria mirar no desenvolvimento de hardware, software e soluções tecnológicas próprias, áreas que concentram maior valor agregado e capacidade de geração de riqueza sustentável. “Não pode ser só a lógica de que isenção gera emprego e ponto”, sustenta.

Segurança jurídica, temos?

Outro ponto sensível levantado por Agostini é o ambiente regulatório. A presença massiva de datacenters exige segurança jurídica sólida, especialmente na aplicação da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Estamos falando de armazenamento de dados globais, informações estratégicas e soberania digital. A discussão, portanto, não é apenas econômica — é também institucional. No fim, o Redata acaba funcionando como catalisador de uma pergunta maior: o Brasil quer apenas hospedar a revolução digital ou liderar parte dela? Os especialistas parecem concordar em um ponto — a oportunidade é real, mas exige planejamento, ambição e menos superficialidade no debate.

[IA no Brasil: Incentivo fiscal é melhor caminho para atrair datacenters? | Mercado](#)



VIVO

Alex Agostini
economista-chefe da Austin Rating

Câmara aprova projeto para atrair data centers ao Brasil
Texto prevê incentivo fiscal para investimentos para centros de processamento

veja